

Seminário FESPSP “Cidades conectadas: os desafios sociais na era das redes”

17 a 20 de outubro de 2016

GT 2 – Antropologia Urbana

## **Social, rolê e party: três formas de sociabilidade de estudantes do Capão Redondo**

Felipe de Souza Pinto<sup>1</sup> – Unifesp (Universidade Federal de São Paulo)

“Uma pequenina luz bruxuleante  
não na distância brilhando no extremo da estrada  
aqui no meio de nós e a multidão em volta...”

Uma pequenina luz – Jorge de Sena - FIDELIDADE, 1958

### **Resumo**

O objetivo desse trabalho é apresentar três práticas de sociabilidade de estudantes do Capão Redondo, para verificarmos como elas são elaboradas criativamente a partir da articulação entre as possibilidades socioestruturais e a vontade dos estudantes secundaristas. Para pensar tal objetivo parto das teorias de Magnani sobre a sociabilidade na periferia e da produção dos espaços por sujeitos criativos desenvolvidas por Certeau. As práticas que esse trabalho reflexiona são conhecidas emicamente como *social*, *rolê e party* e fazem parte do universo dos encontros desenvolvidos pelos estudantes de duas escolas do distrito acima citado.

**Palavras-chave:** lazer, sociabilidade, escola, periferia, estudante, cotidiano

### **Introdução**

Essa apresentação é um convite a reflexão sobre as *maneiras de estar junto* desenvolvidas por estudantes do Capão Redondo. O que são essas *maneiras*? São elas os *encontros* criados por esses sujeitos com o objetivo de passarem um tempo juntos conversando, ouvindo música, passeando ou festejando. Dentre esses *encontros* eu apresento três, a saber, *social*, *rolê e party*. Eles são próprios dos estudantes do distrito citado e que conheci através de minha prática como docente de sociologia para o ensino médio em duas escolas da região. Outra característica desses *encontros* diz respeito a forma como os estudantes apropriam-se do bairro e da cidade como um todo. Preliminarmente podemos

<sup>1</sup> Mestrando no Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da EFLCH – UNIFESP (Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo). E-mail para contato: [felipedesouzapinto@gmail.com](mailto:felipedesouzapinto@gmail.com)

Seminário FESPSP “Cidades conectadas: os desafios sociais na era das redes”

17 a 20 de outubro de 2016

GT 2 – Antropologia Urbana

compreender os três *encontros* a partir do número de participantes envolvidos e como os grupos ocupam os espaços disponíveis. Assim, a *social* representa o *encontro* mais íntimo, agregando um menor número de indivíduos que são identificados como amigos e é realizado na casa de algum membro do grupo; o *rolê* é um *encontro* itinerante, ocorrendo dentro ou fora do bairro a partir da vontade do grupo, podendo agregar amigos; por fim, a *party* é o *encontro* maior e mais complexo estruturalmente, ele é a elaboração de uma festa idealizada por um grupo de amigos em casas de festa da região e agrega um número maior de participantes minimamente conhecidos uns dos outros. Podemos verificar o uso desses nomes em atividades realizadas por outros segmentos da sociedade, a *social* é uma expressão de encontro carioca, mas não apreendi como o termo passa a designar uma atividade particular para os estudantes. O *rolê* indica um encontro onde não há um lugar específico para se ir, é muito utilizado por grupos de amigos na cidade de São Paulo e apareceu na mídia em seu diminutivo *rolêzinho* circunscrevendo a reunião de adolescentes da periferia em shoppings centers da cidade. Já uma *party* guarda semelhanças com as festas promovidas por danceterias, onde há a venda de ingresso para participação, venda de bebidas alcóolicas, a presença de seguranças, DJ'S (disc jockey) e ocorre a noite nos fins de semana. Afora as semelhanças, os *encontros* singularizam-se pela forma como são elaborados.

A ideia para esses *encontros* nasce a partir de grupos que se desenvolveram a partir dos vínculos elaborados institucionalmente pela escola. Os vínculos extrapolam o ambiente escolar, passando a ser parte da rede básica de sociabilidade dos estudantes. Nesse sentido, os sujeitos não se encontram só na escola, mas a partir da vontade, desde momentos corriqueiros para produzir trabalhos escolares ou para outras atividades identificadas ou não com as analisadas nessa apresentação. Os encontros ocorrem também mediados pelas tecnologias, especialmente a internet, por canais como o Facebook, o Skype, o WhatsApp, o Twitter e o Youtube. A internet também é utilizada para a divulgação das *partys*, em páginas criadas no Facebook para a promoção do evento e para colocar as fotos das atividades experimentadas pelos estudantes. Muitos desses estudantes são *youtuber* (pessoas que produzem vídeos variados e colocam em suas páginas do Youtube para interagir com outras pessoas sobre variados temas). Quem participa desses *encontros* cibernéticos são os amigos e os colegas da escola, pois a maioria desses estudantes falam diretamente com seus conhecidos, diferente de outros *youtubers* que produzem para um público mais amplo. Na interação desses sujeitos há

Seminário FESPSP “Cidades conectadas: os desafios sociais na era das redes”

17 a 20 de outubro de 2016

GT 2 – Antropologia Urbana

então duas dimensões, a primeira face a face e outra mediada pela tecnologia – poderíamos discutir pormenorizadamente a segunda, se ela é mediação ou extensão comunicativa, mas não o faremos agora, basta-nos nesse momento saber que ela possui importância para as relações -, cada qual possibilitando um tipo de relação diferente a partir de suas possibilidades. A tecnologia está presente na escola através dos telefones celulares - apesar de ser proibido seu uso em sala de aula pela Lei Decreto nº 52.625 de 15/01/2008 -, através deles os alunos comunicam-se uns com os outros, nesse sentido, se fisicamente estão circunscritos cada qual em sua classe, a tecnologia permite que os sujeitos se comuniquem com os amigos em outras salas sem precisar estar face a face. Muitos dos *encontros* dentro da escola é intermediado pelo uso das tecnologias e para também trocar gostos, por exemplo, trocar músicas utilizando a tecnologia bluetooth – presente nos dispositivos e que permite a transferência de dados entre aparelhos. Assim, para produzirem e experimentarem os encontros os estudantes articulam espaços físicos e virtuais para continuar sua interação.

Falar de *encontro* é falar de interação, o momento no qual os estudantes entram em contato para “estabelecer, revigorar e exercitar aquelas regras de reconhecimento e lealdade que garantem a rede básica de sociabilidade” (MAGNANI, 2008, p.31) dos vínculos estabelecidos na escola. Todavia, não só isso, mas trocam-se experiências, gostos, identificações, desejos, vontades comuns e diferentes. Esses encontros não são somente harmônicos, mas há neles a experimentação das diferenças entre os sujeitos participantes dessa rede de sociabilidade. O conflito faz parte tanto das relações entre os membros do grupo e entre grupos, assim como semelhanças entre esses e aqueles. Grupos identificados com gostos comuns não necessariamente fazem parte de uma mesma rede de sociabilidade, eles podem conformar relações distintas. Antes de prosseguirmos, então, é importante ter em mente a importância dos espaços físicos e cibernéticos para as interações e o fato de que a pertença a um grupo não significa a constante harmonia entre os entes participantes. Outro ponto importante para entendermos os *encontros* analisados aqui é a forma criativa com a qual eles são construídos e que os singularizam.

Considero a análise dessas práticas interessantes, pois, elas são elaboradas e categorizadas pelos próprios estudantes e tem como um dos objetivos ser um espaço de exercício mais livre, longe dos olhares vigilantes de pais e responsáveis. Nesse exercício os estudantes são os protagonistas da produção e para isso eles articulam uma série de elementos

Seminário FESPSP “Cidades conectadas: os desafios sociais na era das redes”

17 a 20 de outubro de 2016

GT 2 – Antropologia Urbana

– econômicos, segurança, estruturas locais e espaço do bairro – para viabilizar a realização deles. Nessa perspectiva, para compreender os *encontros* faz-se necessário entendermos tanto as qualidades socioestruturais na qual os sujeitos produtores estão imersos e fazem parte, quanto os motivos pelos quais eles ganham vida através da articulação das possibilidades existentes para criar *encontros* criativos.

### **Cotidiano criativo**

Eu entrei em contato com o universo dos sujeitos pesquisados através minha experiência como docente em quatro escolas localizadas no distrito Capão Redondo no quadriênio letivo 2012-2015. Nesse período vislumbrei inúmeras “maneiras de fazer” dos estudantes, essas “[...] constituem as mil práticas pelas quais usuários se reapropriam do espaço organizado pela técnica da produção sociocultural” (CERTEAU, 1998, p.41[aspas do autor]). Elas se referem as relações criativas que os estudantes estabelecem com as instituições (distrito, escola, família) e com os acontecimentos contingentes, cuja as formas de sociabilidade aqui analisadas são exemplo, e quais Certeau chama de *tática*.

Chamo de *tática* ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece condição de autonomia. A *tática* tem por lugar senão o outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha. Não tem meios para se manter em si mesma, à distância, numa posição recuada, de previsão e de convocação própria: a *tática* é movimento “dentro do campo de visão do inimigo”, como dizia von Büllow, e no espaço por ele controlado. Ela não tem portanto a possibilidade de dar a si mesma um projeto global nem de totalizar o adversário num espaço distinto, visível e objetável. Ela opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as “ocasiões” e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas. O que ela ganha não se conserva. Este não-lugar lhe permite sem dúvida mobilidade, mas numa docilidade aos azares do tempo, para captar no voo as possibilidades oferecidas por um instante. (CERTEAU, 1998, p.100-101)

Uma *tática* dentro da escola que destaco é muito corriqueira, os estudantes articulam uma norma, a possibilidade de sair da sala para usar o banheiro durante a aula, para passear ou encontrar algum amigo. Ele utiliza a regra para fazer algo que é proibido, ou seja, dá a ela um novo uso e ocupa o espaço escolar de forma não prevista. Há um outro interessante exemplo no qual os estudantes articulam uma rede de saberes, seu conhecimento sobre o bairro e as redes de sociabilidade para lidar com um problema contingente. Durante o ano de

Seminário FESPSP “Cidades conectadas: os desafios sociais na era das redes”

17 a 20 de outubro de 2016

GT 2 – Antropologia Urbana

2013 houve, na escola na qual trabalhava, uma série de assaltos ocorrendo nos períodos de entrada e saída dos turnos escolares. Os assaltos eram motivo constante de cuidado dos alunos em seus trajetos, principalmente no período noturno de aulas, das dezenove as dez para as vinte e três, todavia, em determinado período eles ocorreram em todos os períodos, a saber, das sete ao meio-dia e meio e das treze as dezoito horas. As ocorrências foram tantas que a direção escolar decidiu reunir os alunos para pedir o aumento dos cuidados nos trajetos, para andarem sempre em grupo por ruas com maior trânsito de carros e pessoas. Eu acompanhei de perto alguns trajetos e apreendi que para fazê-los os alunos acionavam seus domínios sobre o bairro, eles sabiam as ruas nas quais podiam ou não passar de acordo com o horário e traçavam seus caminhos a partir dos estudantes com os quais tinham algum tipo de vínculo, desde o mais próximo ao mais distante. Eles assim criavam itinerários solidários, não era somente ir em segurança para casa, mas elaborar caminhos seguros para todos da rede, na medida do possível.

O conhecimento acionado pelos estudantes não está associado somente ao ir e vir da escola, mas com os sentidos construídos sobre o espaço do distrito. Esse sentido advém das relações nele criadas pela experiência dos sujeitos, não só individuais, mas coletivamente construídas. Vivências do presente e do passado são articuladas para fins múltiplos - no caso do exemplo exposto para escapar da violência, mas para outros fins também, entre eles o lazer - é um conhecimento criado pelos moradores da região nos vínculos cotidianos. Essa ideia vai de encontro ao que Magnani chama de *pedaço*.

O termo na realidade designa aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade. (MAGNANI, 2003[1984], p.116)

Esse *pedaço*, no caso dos estudantes, contém o trajeto entre a casa, a escola e seus outros lugares de sentido. Esses que podem ser, entre outros, a igreja, a academia e o trabalho. Os estudantes são sujeitos do bairro, fazem parte dele e o constrói a partir da rede de relações nas quais estão identificados, e elas são múltiplas, como coloca Gilberto Velho, “O indivíduo na sociedade moderna move-se entre planos, realidades, níveis e constitui sua própria identidade em função desse movimento” (VELHO,2012, p.85). Isso porque, o espaço urbano é constituído de heterogeneidade, “ a cidade não só admite e abriga grupos heterogêneos (seja

Seminário FESPSP “Cidades conectadas: os desafios sociais na era das redes”

17 a 20 de outubro de 2016

GT 2 – Antropologia Urbana

do ponto de vista de origem étnica, procedência, linhagens, crenças, ofícios, etc.) como está fundada nessa heterogeneidade, pressupõe sua presença” (MAGNANI,2008, p. 48) e ela possibilita inúmeras maneiras de vivenciar, estar e construir o bairro. Toda esse complexo de sentidos e identidades são levadas escola à dentro e dela faz parte.

A escola é uma instituição construídas estrategicamente para um fim, essa ideia advém de Certeau (1998, p.92), as operações estratégicas visam construir lugares e relações ordenadas. A escola é um *lugar* geograficamente definido no espaço da cidade, nela os sujeitos vinculados estão hierarquicamente ordenados, bem como as relações possíveis entre eles o está. Todavia, cotidianamente nesse *lugar* os sujeitos, para além dos papéis, criam vínculos de diversos níveis e se relacionam de formas diferentes das estabelecidas, compondo assim *espaços* singulares, sendo eles a vida escolar.

Um lugar é a ordem (seja qual for), segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. Aí se acha, portanto excluída a possibilidade, para duas coisas, de ocuparem o mesmo lugar. Aí impera a lei do ‘próprio’: os elementos considerados se acham uns ao lado dos outros, cada um situado num lugar ‘próprio’ e distinto que define. Um lugar é portanto uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade.

Existe espaço sempre que se tomam em conta os vetores de direção, quantidades de velocidade e a variável tempo. O espaço é um cruzamento de móveis. É de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram. Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais, ou de proximidades contratuais (CERTEAU, 1998, p. 201-202).

A escola é assim um território operando entre *estratégias* e *táticas*, de um lado as tentativas de ordenamento, e de outros, as “mil maneiras” de lidar com essas as normas e redefinir o espaço. Pereira (2010, p.128) analisando as experiências juvenis no contexto periférico descobre que para os estudantes a escola é também um espaço de lazer - onde se estuda, mas também se encontra amigos -, esses são usos não previstos para o *lugar* escola, e ao que na escola se constrói não se restringe a ela. A propósito de um “matar aula” por três alunos para beber e jogar sinuca, Pereira descreve:

Na saída do bar, Alex e Robert começaram com as zombarias, um referia-se à mãe do outro de modo jocoso por causa dos trabalhos que elas exerciam no bairro. Uma vendia ração para animais e tinha gatos e a outra vendia churros. Alex disse: “Sua mãe bate punheta lá pros gatos” e Robert retrucou: “E a sua que fica lá só no churros, só pegando no churros”. E assim seguiu a discussão, num tom limítrofe entre brincadeira e briga, até voltarmos para a porta da escola (já próximo do horário de término das aulas da noite), onde todos começaram a pensar sobre a

Seminário FESPSP “Cidades conectadas: os desafios sociais na era das redes”

17 a 20 de outubro de 2016

GT 2 – Antropologia Urbana

possibilidade de ir para outro bar beber. No entanto, como constataram que não tinham mais dinheiro, decidiram, enfim, cada um seguir para casa. Essa experiência revelou-se muito importante para que eu pudesse perceber as diferentes nuances do modo como esses jovens encaravam a escola e o uso do tempo liberado dela. De certo modo, eram as dinâmicas de jogos e disputas como as da sinuca que jogavam no bar que eram inseridas por eles na instituição escolar e que vinha cada vez mais reconfigurando os espaços e as dinâmicas escolares. A partir desse evento, vislumbrei de um modo um pouco mais amplo como se davam as relações de ludicidade e brincadeira que os jovens desenvolviam na escola e fora dela. (PEREIRA, 2010, p.108-109)

A escola enquanto *lugar* é localizada no distrito, mas como *espaço* ela é parte do *pedaço* dos estudantes e das relações mais abrangentes, fazendo parte do território significado a partir da pluralidade e alcance das associações. Ela está dentro de um universo de sentido que a atravessa e ao mesmo tempo a constrói e pela escola outras relações são elaboradas. É nesse intermédio (não posso nem chamar de espaço, nem de território, pois já são palavras comprometidas por conceituações) onde a *social*, o *rolê* e a *party* são elaboradas como formas singulares de lazer. Para compreender essas singulares formas de sociabilidade é preciso ir em direção à empiria que possibilitou a discussão conceitual, quais dediquei-me nas páginas anteriores. A seguir apresentarei uma visão geral sobre o bairro Capão Redondo e as formas de sociabilidade a partir de minha experiência como docente.

## **O Distrito de Capão Redondo**

O Capão Redondo é um distrito da periferia componente da Subprefeitura do Campo Limpo, junto com os distritos de Vila Andrade e Campo Limpo. Este possuía uma área de 13,6 quilômetros quadrados e até o ano de 2010 uma população estimada em 268.729 de habitantes, sendo o segundo distrito em densidade demográfica da cidade de São Paulo<sup>2</sup>. O distrito de Capão Redondo localiza-se a vinte quilômetros do marco zero da cidade de São Paulo, localizada na Praça da Sé, gastando-se mais de uma hora em transporte público de um marco a outro. Até 1967, ano em que chega a energia elétrica no distrito ele era majoritariamente rural, com pequenas chácaras e sítios com a criação de gados bovinos e caprinos, e plantação de hortaliças. Devido ao loteamento de áreas da região e o desenvolvimento da indústria em Santo Amaro, o distrito passa a receber um grande

---

<sup>2</sup>História do Campo Limpo – Informações retiradas do site da subprefeitura do Campo Limpo, para saber mais acessar – [http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidades/secretarias/subprefeituras/campo\\_limpo/historico/index.php?p=131](http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidades/secretarias/subprefeituras/campo_limpo/historico/index.php?p=131) visualizado dia 28/08/2015

Seminário FESPSP “Cidades conectadas: os desafios sociais na era das redes”

17 a 20 de outubro de 2016

GT 2 – Antropologia Urbana

contingente populacional, pois seu baixo custo de vida atraiu os imigrantes nordestinos para morar no local e trabalhar nas indústrias (CAMARGO, 2008).

Segundo a pesquisa Pro-Aim<sup>3</sup> (Programa de Aprimoramento das Informações de Mortalidade no Município de São Paulo) do ano de 2011 o distrito possui uma das maiores taxas de homicídio de jovens entre 15 e 29 anos, sendo 18 homicídios a cada cem mil habitantes. Neste prospecto a estatística engloba os estudantes do Ensino Médio. Em número de roubos durante o mês de novembro de 2014 o distrito ocupava a segunda posição na cidade de São Paulo.<sup>4</sup> Importante constatação sobre isso é que os distritos policiais de Campo Limpo, Jardim Herculano e Parque Santo Antônio estão também entre os distritos com a maior taxa de roubo na cidade, todas estas regiões vizinhas ao Capão Redondo. Estes dados demonstram que a população residente da região do distrito e adjacências estão constantemente vivenciando momentos de tensão e ameaça de crime.

Utilizando o exemplo da violência, citado anteriormente, é possível compreender que para entender os *encontros* e a maneira como eles são elaborados criativamente é necessário levarmos em consideração as características contingente e sócio estruturais do território no qual elas se dão. Pois, a *criatividade* dos estudantes se dá justamente no modo como os estudantes articulam esses elementos para criarem as *maneiras de estar junto*. Não somente isso, mas também são elaboradas a partir do visão que os estudantes possuem do bairro, muitos relatam que ele não possui equipamentos de *lazer* ou não atendem as demandas do que é *diversão* para esses estudantes. Embora o distrito possua muitas organizações não governamentais que desenvolvem atividades para esse público, elas não são vistas como locais de *lazer* e *diversão*, mas como meios de tornar o distrito mais assistido de equipamentos. Há na fala desses estudantes sempre ideia de *falta* de alguma coisa, normalmente ligada àquilo considerado importante para eles e mesmo a partir da própria visão mais ampla do bairro mostrado pela mídia – como local da violência – e pelas organizações sociais – como lugar produtor de cultura marginal. A produção dessas *maneiras de estar junto* não está deslocada de uma visão mais ampla e partilhada sobre o distrito, ela antes faz parte do imaginários dos estudantes e são articuladas também no desenvolvimento dos *encontros*.

---

<sup>3</sup>Análise Comparativa dos Distritos. - informações retiradas do site da organização Nossa São Paulo, maiores acessar-  
[https://www.nossasaopaulo.org.br/observatorio/analises\\_distritos.php?tema=14&indicador=76&ano=2011&regiao=19#info](https://www.nossasaopaulo.org.br/observatorio/analises_distritos.php?tema=14&indicador=76&ano=2011&regiao=19#info)  
21/08/2015

<sup>4</sup> Zona Sul lidera o número de roubos na cidade de São Paulo. <http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,zona-sul-lidera-ranking-de-roubos-na-cidade-de-sao-paulo,1612092> visitado dia 21/08/2015.



Seminário FESPSP “Cidades conectadas: os desafios sociais na era das redes”

17 a 20 de outubro de 2016

GT 2 – Antropologia Urbana

Na falta de locais para a *diversão* eles utilizam aquilo o existente, como me foi relatado por um interlocutor, ele transforma o CEU (Centro de Educação Unificado) para jogar basquete. Assim como, ressalta ele, outras pessoas utilizam o espaço da rua para produzirem bailes, os conhecidos pancadões, onde sujeitos identificados com essa *diversão* ouvem funk, dançam e consomem bebida alcóolicas ao som alto dos carros estacionados no local. É interessante perceber que embora esse interlocutor não goste de funk, ele observa a prática do pancadão da mesma maneira na qual entende a sua *diversão*. Essa observação sobre a *diversão* no distrito está presente em outras falas colhidas por mim, demonstrando que o uso criativo do território do distrito não é uma atividade inconsciente, mas um meio de tornar possível a produção de espaços de lazer, troca e *diversão*. Isso também significa a existência de noções definidoras de *lazer* e *diversão* e de lugares *ideais* para eles, segundo os estudantes, todavia esse apontamento não é possível agora – nem é a intenção dessa apresentação. O que podemos fazer, agora, à luz das ideias de *momentos de estar junto, encontro e criatividade* entender como funcionam e são elaboradas as *sociais, os rolês e as party*.

## **Party**

Anteriormente expliquei um pouco as características da *party*, nesse momento apresentarei como conheci essa *maneiras de estar junto* a partir de minha experiência docente em uma escola localizada na região central do distrito. Todo ano essa escola promove uma gincana entre os estudantes, ela é repartida por turnos, em cada um deles há quatro equipes – amarelo, azul, verde e vermelho – compostas de turmas distintas. Durante três dias as equipes competem e ganha o grupo que somar o maior número de pontos. No ano de 2013 a equipe vencedora – de um dos turnos, são três equipes vencedoras por ano - decidiu comemorar com uma festa. Entre a ideia e a realização da festa houve um período de um mês, no qual os estudantes ocuparam-se com a organização: alugar casa de eventos, contratação de DJ e segurança e a venda de ingressos para o evento. Nesse período eles encontravam-se na escola, utilizando momentos de aula para divulgarem a *party* e horários fora de seus turnos para organizarem. Nesse interstício, os estudantes dividiram-se em grupos para irem a escola em horários alternados e de sala em sala, com a anuência dos professores, promoviam a atividade. O valor da festa girava em torno dos dez reais para entrada, se comprado antecipadamente o bilhete, pois o valor no dia do evento seria

Seminário FESPSP “Cidades conectadas: os desafios sociais na era das redes”

17 a 20 de outubro de 2016

GT 2 – Antropologia Urbana

maior.

A festa ocorreu em um sábado à noite – entre as dezenove e vinte horas - em um buffet da região, perto de uma das avenidas centrais do Capão Redondo. Para poder adentrar o evento era preciso se identificar na porta, havia um organizador com uma lista de pagantes, depois de ser revistado era possível subir a uma grande área onde havia dois banheiros, um espaço para dançar e outro onde ficavam as geladeiras com as bebidas disponíveis para a compra. A festa começou quieta, aos poucos os participantes foram chegando, traziam bebidas e dançavam ao som de músicas do estilo sertanejo universitário, funk e eletrônica. Ao fim a noite os participantes conversavam debruçado nas janelas do local, fumavam, conversavam animadamente, flertavam uns com os outros. As vinte e três horas muitos já estavam saindo, havia a necessidade de ir para casa em um horário confortável e mais seguro, muitos foram embora em grupo e outros procuravam os pontos de ônibus disponíveis na avenida central. No início da semana os alunos comentavam sobre os fatos considerados importantes ocorridos na festa, falavam sobre as músicas e se ela foi considerada um sucesso. Sobre esse último é interessante ressaltar, há uma competição entre as *partys* mediante a comparação de número de público, a qualidade das músicas e o local de realização delas. Não é incomum verificar na fala dos estudantes que determinada festa fez maior sucesso, pois atraiu maior número de participantes e apresentou músicas mais ao gosto do público.

Essa competição pode ser vista nas páginas dos eventos criados para divulgação do evento, nela os organizadores colocam uma foto de capa criada por eles onde além da arte elaborada a partir do tema da festa consta a data, o horário e o local de realização. Há ainda as informações das bebidas que serão vendidas, com seus respectivos preços, o que é permitido levar para o evento e as *line-up* – os DJ's que tocaram na festa. Através dessas informações os estudantes tem uma prévia do acontecimento, podendo decidir se vão ou não e mesmo comparar festas diferentes e as diferentes edições de cada uma. Essas festas são nomeadas recebendo um título seguido de *party* e o número da edição, como o exemplo, *Yellow Party 5.0*, significando que o evento refere-se a quinta edição dessa *party*. Outro elemento importante é o *promotor*, eles são amigos dos organizadores e ficam responsáveis por vender antecipadamente o ingresso indo de encontro ao comprador ou combinando um local de encontro. O meio de ingresso na festa é uma pulseirinha de papel entregue na transição de compra.

De três anos atrás as *partys* começaram a ser realizadas com maior frequência, sempre aos finais de semanas e elaboradas em intervalos de um a dois meses do anúncio da festa até seu

Seminário FESPSP “Cidades conectadas: os desafios sociais na era das redes”

17 a 20 de outubro de 2016

GT 2 – Antropologia Urbana

acontecimento. Nesse período os participantes divulgam a festa e interagem através da página do evento no Facebook, postando fotos as vezes com letras de músicas e outras com referência à festa. Os *promotores* das festas postam fotos indicando a disponibilidade para a compra antecipada de convites e prometendo em troca as vezes um beijo ou um doce preferido, há nesse caso também uma competição entre eles e os participantes das festas indicam a predileção por um dele através de hashtags com o nome do *promotor*. Durante esse período o ambiente virtual é importante para criar intimidade entre os participantes e a apresentação de novidades da festa ou indicações sobre o número de ingressos ainda disponíveis para compra.

## **Rolê**

O *rolê* é uma atividade itinerante, ela pode acontecer em qualquer lugar do distrito, bem como fora dele a partir do objetivo do grupo. Ele está ligada a um ida a um lugar no qual o grupo tem algum identificação, por exemplo, um grupo de amigos identificados com o estilo musical rock and roll pode fazer um *rolê* até a Galeria do Rock – localizada no centro da cidade – e lá passar o dia conversando, visitando lojas e depois indo a uma lanchonete comer. Bem como, um grupo identificado com a cultura japonesa e os *animes* – desenhos animados produzidos no Japão – pode se reunir de manhã no Terminal de ônibus Capelinha ou na entrada do metrô Capão Redondo e ir passar o dia no bairro da Liberdade – localizado no centro da cidade e onde há a venda de uma diversidade de produtos japoneses. Nesse tipo de *encontro* os sujeitos propõe um lugar de encontro e um horário de saída, esses são baseados tanto nas vontades individuais, como nos horários de eventos que queiram participar e na forma de utilização dos meios de transporte. Sobre o último, os sujeitos vinculados pensam conjuntamente os trajetos elaboradas a partir da malha de transporte disponível na região.

Em um dos *rolês* que eu acompanhei um grupo de terceiro ano do ensino médio decidiu passar o dia no Parque do Ibirapuera. O encontro foi marcado para as nove da manhã no Terminal Capelinha, todavia a saída de fato ocorreu somente as onze da manhã após passarem no mercado próximo para comprar refrigerantes e guloseimas a serem consumidas durante o dia. O grupo não era composto apenas pelos alunos, mas por irmãos mais novos e amigos de uns e conhecidos de outros. O caminho escolhido até o parque foi a utilização do corredor de ônibus da Estrada de Itapecerica, pois lá passava um ônibus qual nos deixaria em

Seminário FESPSP “Cidades conectadas: os desafios sociais na era das redes”

17 a 20 de outubro de 2016

GT 2 – Antropologia Urbana

frente a entrada do local. Até as dezessete horas, horário de retorno, ficamos sentados em um espaço arborizado e sobre a grama jogamos baralho, praticamos atividades com bola, bebemos e comemos enquanto falávamos sobre a vida cotidiana. No caminho de volta fizemos o mesmo trajeto, dessa vez descemos no terminal de ônibus e cada um esperou o transporte que deixasse mais perto de casa.

É interessante notar em ambos os *encontros apresentados* o componente de conhecimento dos sujeitos sobre o território do distrito, tanto espacial, como social e estrutural. Eles pensam nos horários mais seguros, em pontos de encontro onde há o maior número de possibilidades para os trajetos dos sujeitos e os equipamentos disponíveis para a realização da atividade. No Capão Redondo há somente um parque, denominado Santo Dias, todavia a exclusão desse para a realização do *encontro* não é feito por acaso, ela envolve, entre outras coisas a vontade de estar longe do olhar vigilante dos pais ou mesmo conhecidos. O mesmo se dá com a *party*, ela é um espaço construído para uma diversão onde o que está em jogo são as regras desenvolvidas pelos estudantes, bem como o exercício mais livres das vontades dos sujeitos, onde as instituições – escola, família – não estão presentes. Eles são *espaços de liberdade* que escapam das normas institucionais, onde se pode realizar o não permitido nessa relação entre sujeitos e instituição, mas não livre das normas elaboradas pelos sujeitos. Essa última questão é interessante pois, ela distingue os dois primeiros *encontros* da *social*, como veremos a seguir.

## **Social**

A *social* é o *encontro* realizado por amigos, grupos nascidos no ambiente escolar que já estão há muito tempo estudando na mesma turma e desenvolveram relações mais estáveis e próximas. Ela acontece sempre na casa de algum membro do grupo, geralmente na que os sujeitos possuem uma maior liberdade por já frequentarem para a confecção de trabalhos extraclasse e outras atividades. Isso significa que os sujeitos conhecem os familiares e fazem parte de seus vínculos, os *agregados* da família, não é incomum os primeiros se referirem aos pais dos amigos como *tios e tias*. Talvez por isso, precisamos de uma análise mais profunda, os pais deixam as atividades serem realizadas com maior liberdade, durante a *social* os amigos conversam, ouvem músicas, consomem bebidas (alcoólicas ou não) e muitos fazem o

Seminário FESPSP “Cidades conectadas: os desafios sociais na era das redes”

17 a 20 de outubro de 2016

GT 2 – Antropologia Urbana

uso do narguilé. Eles conversam sobre as atividades escolares, sobre as relações amorosas e de amizades desenvolvidas cotidianamente e mesmo sobre as paqueras que estão rolando entre os membros do grupo com outras pessoas. É um momento de proximidade, onde as questões do dia a dia são discutidas intimamente, os assuntos conversados em uma *social* não são publicizados para os colegas e conhecidos, seja face a face ou por intermédio das redes sociais.

Eu tive a oportunidade de participar de três *sociais*, todas realizadas em uma mesma casa, nela o grupo de amigos se reunião na garagem em um círculo construídos com cadeiras ou bancos que estivessem a mão. A lâmpada original que iluminava o ambiente era substituída por uma dessas lâmpadas coloridas. Enquanto conversavam os sujeitos bebiam, alguns fumavam e conversavam desde assuntos íntimos – as relações entre eles – até sobre os acontecimentos contingentes. A *social* ocorria sempre aos fins de semana a noite, depois fiquei sabendo serem esses os dias e o horário comum para ela acontecer, pois os participantes moravam próximos e podiam ficar mais tempo juntos e mesmo era preciso o aval dos pais para a possível realização. Ela é o evento mais espontâneo dos três apresentados, pois pode acontecer a partir da vontade, sem a necessidade de haver uma grande produção ou organização por trás, como nos casos anteriores. Nos casos no qual estive presente, nem todos os participantes moravam perto, nesse caso um dos amigos possuía um carro e oferecia carona quando ficava muito tarde e o perigo de andar na rua a noite até um ponto de ônibus aumentasse.

### **As relações preliminares sobre as sociabilidades**

Essas são categorias de sociabilidade criadas pelos próprios estudantes e se distinguem da seguinte maneira: (a) grau de aproximação entre os indivíduos; (b) o número de envolvidos e (c) o local de realização dos eventos. De forma geral, a *social* é o exercício de reforço do laço de sociabilidade mais básico, entre amigos, e ocorre em ambiente familiar; o *rolê* é uma atividade itinerante, ocorre em locais públicos ou privados dentro ou fora do distrito, entre amigos e colegas; a *party* representa o exercício mais público, entre amigos, colegas, chegados, conhecidos e acontece em casas de festa que são alugadas pelos estudantes. Nessa perspectiva a *social* é como um núcleo de sociabilidade; a importância do *rolê* reside na

Seminário FESPSP “Cidades conectadas: os desafios sociais na era das redes”

17 a 20 de outubro de 2016

GT 2 – Antropologia Urbana

maneira como os sujeitos apreendem a cidade; e a importância da *party* é que aglutina um maior número de participantes e é também uma festa. As três são elaboradas pelos estudantes dentro do ambiente escolar, todavia ocorrem fora dele e geralmente aos fins de semana. As três são elaboradas pelos estudantes dentro do ambiente escolar, todavia ocorrem fora dele e geralmente aos fins de semana.

Uma primeira leitura nos permite compreender essas três formas de lazer a partir da perspectiva proposta por Magnani (2008) sobre a oposição “em casa” e “fora de casa”, essa última desdobrando-se em “na vizinhança” e “fora da vizinhança”. A *social* e a *party* são vivenciados dentro do bairro, o primeiro “em casa”, enquanto o segundo “fora de casa” e na vizinhança; enquanto o *rolê*, pode acontecer tanto dentro quanto fora do *pedaço*. Nesse sentido o *rolê* é um lazer que produz uma abertura do *pedaço* em direção a cidade, como exemplo, os estudantes identificados com a produção de histórias em quadrinhos e desenhos asiáticos fazem seus *rolês* no bairro da Liberdade, onde há a venda desses produtos. O Parque do Ibirapuera aparece também como um lugar acessado por grupos de discentes que, entre outras perspectivas, encontram nesse a possibilidade de um exercício de sociabilidade mais livre, longe do olhar vigilante.

O *rolê* ocorre quando aquilo que identifica o grupo é buscado em outros territórios, são sujeitos produzindo uma forma de sociabilidade onde a cidade aparece como um local onde há zonas com as quais eles se identificam. A venda de histórias em quadrinhos japoneses concentram-se na Liberdade, mas há também convenções periódicas dedicadas ao tema onde os grupos podem frequentar e produzir *taticamente* uma nova relação com a cidade. A *social* é a (re) significação do *lugar* casa em *espaço* para uma diversão não circunscrita nos laços familiares, mas que o alarga, haja visto nesse lazer os laços dos sujeitos são mais restritos em relação aos outros dois. Ela é experimentada por indivíduos frequentadores uns das casas dos outros membros da rede de relação, os pais assim já conhecem os participantes desse exercício de sociabilidade. A *party* é uma momento especial, onde a diversão se constrói a partir da articulação de elementos estruturais – econômicos e disponibilidade de *lugares* no bairro para locação –, com objetivos de grupo - como no exemplo citado, comemorar a vitória em uma gincana escolar – e utilizando a escola como meio de garantir que o evento se realize. Ela é uma iniciativa de um grupo específico, mas põe em movimento os *espaços* e os *lugares* nos quais os sujeitos circulam. Poder fazer isso exige um domínio dos *múltiplos planos* e das

*várias realidade* com as quais os sujeitos estão envolvidos, não de um sujeito, mas de todos os componentes do grupo. Há na *party* a dimensão da *festa*, onde o mundo extraordinário imaginado ganha espaço e os indivíduos podem vivenciar uma outra realidade socializada, a própria festa. Ela é uma ação coletiva imprevisível e sem regras, dando margem a análise não só do que compõe a festa como produção, mas a seu acontecimento (PÉREZ, 2009). Podemos compreender essa ideia na concepção da *party*, ela é um acontecimento onde não há a presença de sujeitos limitadores, vigilantes, das ações dos indivíduos nela presentes e ela põe em movimento os elementos simbólicos que ligam os sujeitos num ideal de diversão. Na *party* ouve-se um tipo de música, consome-se tipos de bebidas alcóolicas ou não com os quais esses sujeitos se identificam e vive-se com maior liberdade, levando em consideração os espaços institucionais e vigiados frequentados.

As três formas de sociabilidade são singulares entre si, mas partilham um *espaço* de sentido comum construídos por sujeitos vinculados pela instituição escolar. Todavia, isso não significa relações harmônicas entre os discentes e nem a vivência igual dos exercícios de sociabilidade. Esses podem ser alocados dentro de uma mesma categoria, mas elaborados das mais diversas maneiras. Grupos não identificados com o funk ou o sertanejo<sup>5</sup> não participaram de eventos onde esses gêneros musicais se encontram, mas podem conceber uma *social*, por exemplo, articulada com os ideais partilhados entre os sujeitos. As redes básicas de sociabilidade identificados na escola levam suas relações para além dela, adentro o bairro e vai em direção a cidade aberta como um campo possível de criar identificação. Nesse aspecto reside um dos motivos de pesquisar essas formas, elas são práticas locais, mas articulam-se com o espaço urbano, seja localizada no bairro ou fora dele. Assim como a escola é perpassada pelas relações criadas pelos sujeitos, o *lugar* da cidade vai sendo preenchido de *espaços* criativos que dão vida a ela.

## **Bibliografia**

---

5 Os dois são os ritmos musicais mais ouvidos entre os estudais com os quais trabalhei.

Seminário FESPSP “Cidades conectadas: os desafios sociais na era das redes”

17 a 20 de outubro de 2016

GT 2 – Antropologia Urbana

CAMARGO, Rosemary Pereira. Realidades e potencialidades do Bairro de Capão Redondo/SP: estudo de caso sobre o lazer local.. 2008. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, . Orientador: Vilma Alves Campanha.

CARVALHO, Janete Magalhães. *Produção cultural e redes de sociabilidade no currículo e no cotidiano escolar*. Revista Brasileira de Educação v. 18 n. 53 abr.-jun. 2013

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do cotidiano: artes de fazer*. Campinas: Papirus 1998

DURHAM, Eunice R. *A Pesquisa antropológica com populações urbanas*. IN. *A dinâmica da cultura: ensaios de sociologia* [org. Omar Ribeiro Thomas] – São Paulo: Cosac Naify, 2004.

\_\_\_\_\_. *A sociedade vista da periferia*. IN. *A dinâmica da cultura: ensaios de sociologia* [org. Omar Ribeiro Thomas] – São Paulo: Cosac Naify, 2004.

MAGNANI, José Guilherme C. *Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole*. IN. *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. [org. José Guilherme C. Magnani; Lilian de Lucca Torre] – 3 ed.- São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 2008.

MARQUES, Luciana Araújo. *Pacto em Capão pecado: das margens para o interior do texto, do texto para o interior do homem*. 2010. (Dissertação de Mestrado em Teoria crítica e Literatura comparada) – Universidade de São Paulo, Orientador: Andre Saad Hossne.

MORAES, Paulo Roberto de Andrade. *A espacialização dos eventos culturais na cidade de São Paulo*. 2010. (Dissertação de Mestrado em Geografia) – Universidade de São Paulo, Orientador: Eduardo Abdo Yazigi.

NASCIMENTO, Érica Peçanha. *É tudo nosso, produção cultural na periferia paulistana*. 2011. (Dissertação de Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, Orientador: Júlio de Assis Simões

PEREIRA, Alexandre Barbosa. *A maior zoeira: experiências juvenis na periferia de São Paulo*. 2010. Dissertação (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade de São Paulo, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientador: José Guilherme Cantor Magnani.

PÉRES, Léa Freitas. *Do lazer a festa*. Licere, Belo Horizonte, v.12, n.2, jun./2009

VELHO, Gilberto. *Observando o Familiar*. IN *Um Antropólogo na cidade: ensaios de antropologia urbana*. [org. Hermano Vianna, Karina Kushnir, Celso Castro] Rio de Janeiro: Zahar, 2013.]

VELHO, Gilberto. *O Antropólogo pesquisando em sua cidade: sobre conhecimento e heresia*. IN *Um antropólogo na cidade: ensaios de antropologia urbana*. [org. Hermano Vianna, Karina Kushnir, Celso Castro] – Rio de Janeiro: Zahar, 2013.